

**Entre a maldade e a bondade: um estudo sobre a moralidade a partir  
de *Os miseráveis***

**Between evil and goodness: a study about morality from *Les  
Miserables***

Lina Schlachter

Psicoterapeuta psicanalítica. Doutora em Psicologia Clínica pela University of Tennessee (Estados Unidos), mestra em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e orientadora do Grupo de Estudos Viver Criativo

E-mail: linaschlachter@yahoo.com

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo refletir sobre o conceito de moralidade em Winnicott a partir dos personagens Jean Valjean e Javert do livro *Os miseráveis*, de Victor Hugo. Jean Valjean, diante do desemprego e da fome de sua família, roubou um pão e foi preso por dezenove anos, pena agravada por quatro tentativas de fuga. Javert, um policial absoluto e intolerante que acompanhava Jean Valjean no presídio, encontrou o detento nas ruas e deu início a uma história de ataques, fugas, culpas, gestos de reparação e perdões. Sugere-se que o personagem Jean Valjean apresenta uma moralidade verdadeira, em que há uma preocupação com o outro, e Javert uma moralidade falsa, em que há uma cisão entre certo e errado. No mais, discute-se os efeitos dos dois tipos de moralidade na contemporaneidade.

**Palavras-chave:** moralidade; preocupação; cisão; contemporaneidade.

**Abstract:** This paper has as its goal to discuss the concept of morality in Winnicott using the characters Jean Valjean and Javert from the book *Les Miserables* by Victor Hugo. Jean Valjean, dealing with unemployment and his family starvation, stole a loaf of bread and was arrested for nineteen years. His penalty was worsened by four escape attempts. Javert, an absolute and intolerant policeman that escorted Jean Valjean in the jail, found the prisoner in the streets and began a story of attacks, escapes, guilt, reparation gestures and forgiveness. The character Jean Valjean is believed to have a true morality, in which there is a concern for others, and Javert a false morality, in which there is a split between right and wrong. Furthermore, the effects of the two types of morality in nowadays are discussed.

**Keywords:** morality; concern; splitting; contemporaneity.

Conta-nos Freud (1913/1996) que, há muito tempo, um grupo de irmãos, com ódio ao pai por todo o poder que ele possuía, resolveu matá-lo. Não só o mataram, como também o devoraram. Ao se alimentarem de partes do seu corpo, identificaram-se com parte da força dele. No entanto, após a comilança, entraram em contato com o amor que sentiam. Afinal, eles o invejavam, mas também o admiravam. Inevitavelmente, diante de tal ambivalência, o remorso e a culpa surgiram. A partir daí, como sugere Freud, a moralidade nasceu e, com ela, a lei.

Para Winnicott (1963a/2008), a culpa e o estabelecimento de um ideal também são fundamentais para a inserção do indivíduo em uma lei. Para que isso ocorra, a criança necessita de uma relação de confiança com alguém que lhe possa transmitir ideias do que é certo e errado. Desta forma, nem todos são capazes de ter uma moralidade, pois não é sempre que se possui uma crença de que o outro possa ser depositário de uma bondade, ou seja, de uma confiança. Salienta-se que Winnicott atrelou a moralidade ao amadurecimento pessoal, ou seja, ao desenvolvimento de uma capacidade de ser moral.

Winnicott, endossando Freud, sugere que a culpa verdadeira (1954-5/2000) surge em um momento de ambivalência em que o indivíduo começa a perceber que o mesmo objeto que ataca nos momentos de excitação é valorizado por ele nos momentos de tranquilidade. Por se sentir culpado, faz uma série de gestos reparatórios que, se acolhidos pelo cuidador, funcionarão como alívio de suas “preocupações, remorsos ou culpa” (Winnicott, 1990, p. 94).

Ao cuidador, além de aceitar a dádiva simbólica de seu bebê, cabe principalmente sobreviver ao ataque e, de tal modo, permanecer vivo e disponível. Desta forma, a destruição não é feita porque o bebê protege, mas porque o objeto tem uma capacidade de sobrevivência que é própria a ele. Enfatiza-se que há uma “sequência de machucar-e-curar” (Winnicott, 1990, p. 90) que ocorre diversas vezes no estabelecimento desse ciclo benigno. Com essas experiências, o indivíduo passa a acreditar em seu poder de reparação, aceitando que há mais coisas boas do que más dentro de si, e, com isso, a suportar sua culpa e toda “a destrutividade que está na base dos relacionamentos humanos” (Winnicott, 1990, p. 93).

Especificamente, a partir do ciclo benigno, passa a existir um estabelecimento de um eu integrado e inserido fisicamente na pele do seu corpo (há um eu e um não-eu), um desenvolvimento e instalação da força do ego, e um estabelecimento do *self* (Winnicott, 1963/1989). Ademais, há uma importante mudança que é acarretada pela maior

integração do indivíduo: o sentimento de culpa, que já demandava alguma integração por haver a “retenção de imagens de bons objetos concomitantemente com a ideia de destruição dos mesmos” (Winnicott, 1962b/2008, p. 70), é transformado em capacidade de se preocupar, já que passa a existir um senso de responsabilidade perante a própria destrutividade.

A capacidade de se preocupar é uma questão de higidez, uma capacidade que, uma vez estabelecida, pressupõe uma organização complexa do ego, que não se pode considerar de outro modo que não seja o de uma conquista, tanto uma conquista do cuidado do lactente e da criança como uma conquista dos processos internos de crescimento do bebê e da criança. (Winnicott, 1962b/2008, p. 71)

Se o cuidador não é uma presença constante nesse período e o ciclo benigno é rompido, ocorrerá um fortalecimento de objetos internos maus que agem persecutoriamente, fazendo com que a criança sinta uma ansiedade intolerável em que os objetos são vistos de uma forma cindida. No mais, haverá uma inibição da capacidade de amar, uma perda da capacidade de brincar e trabalhar construtivamente, além de uma perda do sentimento de tranquilidade (Winnicott, 1990).

Para refletir sobre tais ensinamentos e, ao mesmo tempo, para questionar a lei imposta pelos homens, propõe-se pensar com os personagens Jean Valjean e Javert do livro *Os miseráveis*, escrito em 1862 por Victor Hugo. O autor descreve situações em que os personagens vivenciam enorme desamparo, sendo a miséria humana salientada a cada página. A história, apesar de escrita há 153 anos, continua extremamente atual e coincidente com a realidade de muitos famintos e desabrigados que são sujeitos a situações de extrema vulnerabilidade social e que sofrem violações diárias.

## **1. Os miseráveis e a moralidade winnicottiana**

### **1.1 Jean Valjean, o preso**

Jean Valjean era de uma família pobre de camponeses. Seus pais faleceram quando era muito novo, o que fez com que fosse criado por uma irmã que tinha sete filhos. Após o cunhado falecer, Jean Valjean, aos 25 anos, assumiu a responsabilidade da casa e conseguiu um trabalho rude e mal pago. Em um inverno, no entanto, desempregado e

desesperado por ver seus sobrinhos famintos, roubou um pão. Por causa desse pão, Jean Valjean foi declarado culpado e condenado a cinco anos de prisão (cinco anos que acabaram se convertendo em dezenove anos por quatro tentativas de fuga).

Salienta-se que o roubo do pão, apesar de ser um ato ilegal, foi motivado principalmente pela capacidade de Jean Valjean de se preocupar. Preocupação, para Winnicott (1963b/2008, p. 70), significa “o fato do indivíduo se importar, ou valorizar, e tanto sentir como aceitar responsabilidade”. Dessa forma, arriscou-se perante a lei dos homens para cumprir sua função de alimentar, ou seja, de preservar o bem-estar de seus sobrinhos.

Na passagem em que narrou a condenação de Jean Valjean, Victor Hugo exclamou: “Que minuto funesto aquele em que a sociedade se desvia e decreta o irreparável desamparo a uma criatura racional!” (Hugo, 1862/2014, p. 124), o que é coincidente com o pensamento de Winnicott ao declarar: “Medidas drásticas ou repressivas, ou mesmo doutrinação, podem se adaptar às necessidades da sociedade para o manejo do indivíduo antissocial, mas essas medidas são a pior coisa possível para pessoas normais” (Winnicott, 1962a/2008, p. 98). Os efeitos dessa punição, portanto, não surpreendentemente, perseguiram o personagem por toda sua vida.

Jean Valjean perdeu, então, seu nome e passou a ser um número. Nunca mais encontrou sua irmã e seus sobrinhos, apesar de seus esforços para tal. No início de sua pena, Jean Valjean constituiu-se em tribunal e se declarou culpado. Pensou ter cometido uma “ação extrema e repreensível” (Hugo, 1862/2014, p. 127). No entanto, após uma reflexão mais profunda, começou a contextualizar o seu ato:

Fora ele o único a proceder mal em sua fatal história? Antes de tudo, não era uma coisa grave que um trabalhador como ele não tivesse trabalho? Que um homem laborioso como ele não tivesse o que comer? E então, confessado o erro cometido, o castigo aplicado não havia sido feroz e exagerado? Não houvera maior abuso por parte da lei na aplicação da pena do que por parte do culpado na falta? [...] Aquele castigo, complicado por sucessivos agravos devido às tentativas de evasão, não seria um tipo de atentado mais forte contra o mais fraco, um crime da sociedade contra o indivíduo, um crime que recomeçava todos os dias, um crime que durava dezenove anos? (Hugo, 1862/2014, p. 128)

Perguntou-se se a sociedade humana podia ter o direito de fazer sofrer igualmente todos os seus membros, ora com sua incompreensível imprevidência, ora com sua impiedosa providência, e de manter indefinidamente um infeliz entre uma falta e um excesso, falta de trabalho, excesso de castigo.

“Propostas e resolvidas essas questões, julgou a sociedade e condenou-a. Condenou-a a seu ódio.” (Hugo, 1862/2014, p. 128)

Jean Valjean, assim, um homem simples que não aparentava ser uma ameaça à sociedade acabou por se tornar mau. A seu *self* foram infringidas tantas violações e torturas que não houve outra saída senão se identificar com a maldade que viam nele. Aqui, a lei, ironicamente, em vez de restaurar, alimentou a destrutividade. Talvez sentir ódio fosse sua única maneira de permanecer vivo.

Ao concluir sua pena, Jean Valjean vagou por cidades procurando abrigo e comida. Após ser rejeitado inúmeras vezes, foi recebido no lar de um bispo. Quem sabe testando a benevolência do bispo, roubou suas pratarias e fugiu. Ele foi capturado, mas o bispo, em vez de condená-lo, disse que havia dado a prataria de presente a ele. Neste momento, a vida de Jean Valjean sofreu uma mudança radical. Ao ser perdoado, Jean Valjean provavelmente aproximou-se de sua própria bondade e de sua crença na benevolência de um ambiente externo. Esse processo só aconteceu porque ele, em sua família de origem, possivelmente teve um ambiente suficiente bom.

Diante de situações adversas (no caso, o aprisionamento), um indivíduo proveniente de um lar satisfatório emocionalmente pode buscar oportunidades de que alguém reconheça e corrija falhas ambientais, cometendo um ato antissocial. Assim, os gestos destrutivos de Jean Valjean presumivelmente significaram uma esperança de que a sociedade reconhecesse o seu erro.

Após sua partida da casa do bispo, desatou a chorar, pois “sentia confusamente que o perdão daquele padre era o maior assalto e o mais pavoroso ataque que já o havia abalado [...], a partir de então, se não fosse o melhor dos homens, seria o pior” (Hugo, 1862/2014, p. 150). No entanto, como ser o pior dos homens se a bondade voltou a estar presente em sua vida? Sua única saída parecia ser um trabalho construtivo, ou seja, um gesto reparatório espontâneo em que haveria a esperança de alívio de sua culpa.

Jean Valjean, portanto, escolheu ser o melhor dos homens. Ocultando seu nome, se tornou o prefeito Madeleine, um comerciante que possuía uma fortuna, mas que “pensava muito nos outros e muito pouco nele mesmo” (Hugo, 1862/2014, p. 203). Ele

vivia de forma simples e gastava muito de seu dinheiro doando aos pobres e à cidade. Além disso, como um homem que compreendia a ambivalência, era constantemente convocado para decidir conflitos da comunidade. Apesar de todos os seus atos de bondade, ainda se sentia abominável. A culpa, afinal, não saía de suas entranhas, mesmo com seus gestos reparadores.

No mais, havia outro pormenor: apesar de dedicado ao bem da comunidade, não era aceito por todos os seus membros. A vida lhe pregou uma peça e colocou ao seu lado o policial Javert, que o conhecia desde os tempos de prisão. Javert, porém, não o reconheceu de imediato, apesar de ter tido a impressão que conhecia aquele homem.

## **1.2 Javert, o homem da lei**

Javert nascera em uma prisão, de uma cartomante que tinha um marido detento. À medida que crescia, percebeu que a sociedade conservava duas classes de homens: os que a atacavam e os que a protegiam. Acreditava que só podia escolher uma dessas duas classes, e como sentia um ódio a essa raça de boêmios a que pertencia, resolveu entrar para polícia.

Javert tornou-se um policial absoluto, que não admitia exceções. Para ele, não havia ambivalência, muito menos tolerância a ela. O certo significava o sagrado, e o errado significava o impuro ou o demoníaco, não havia meio-termo. A ele, só restava se submeter a um lado. O homem travava uma verdadeira perseguição aos indivíduos contra a lei, reagindo de forma exagerada. Possivelmente, devido a falhas importantes em sua relação primitiva com seus cuidadores, seu ciclo benigno fora rompido e seus elementos persecutórios se tornaram “intoleráveis, sendo então projetados, percebidos ou encontrados no mundo externo” (Winnicott, 1990, p. 101). Seu provável funcionamento paranoide escondia-se atrás de qualquer ameaça externa real representada por infratores da lei.

Para exemplificar sua ausência de receptividade às falhas e às ambivalências, há o momento em que pediu para que Madeleine/Jean Valjean o demitisse por ter levantado suspeitas sobre a sua identidade. Mais especificamente, Javert falou para o prefeito:

Durante minha vida, frequentemente fui severo para com os outros. E era justo; estava certo. Agora, se não for severo comigo mesmo, tudo o que fiz de justo se

tornaria injusto. Acaso eu deveria poupar-me mais do que aos outros? Não, oras! Eu teria servido apenas para castigar os outros, e não a mim mesmo? Eu seria um miserável! Aí os que dizem: aquele safado do Javert! Teriam razão! Prefeito, não desejo que me trate com sua bondade; sua bondade fez esquentar meu sangue quando era voltada aos outros, não a quero para mim. A bondade que consiste em dar razão a uma mulher da vida contra um cidadão, ao agente da polícia contra o prefeito, ao que está em uma posição inferior contra o que ocupa uma posição superior é o que chamo de bondade ruim. É com essa bondade que a sociedade se desorganiza. (Hugo, 1862/2014, p. 253)

Madeleine, acostumado a ser justo em situações de ambivalência, se recusou a punir o policial. Aliás, ele foi adiante. Ao descobrir que outra pessoa estava sendo confundida com ele e condenada, entregou-se. Jean Valjean foi, então, preso e fugiu novamente. Após sua fuga, em outro gesto reparatório, adotou a filha de uma funcionária que teve sua vida destruída após ter sido demitida injustamente por ele. O que ele não contava, no entanto, era que fosse sentir o amor brotar em si. A partir daí, Jean Valjean fugia não apenas para não voltar à prisão, mas principalmente para não perder a menina, cujo nome era Cosette.

Para preservar a si e a Cosette, passaram muitos anos em um convento. Lá eles eram felizes, mas por se preocupar com a felicidade de Cosette e temer que ela viesse a odiá-lo se ele a privasse de ter contato com o mundo, resolveu mudar-se para Paris.

### **1.3 O reencontro**

Em Paris, Javert e Jean Valjean se reencontraram em um motim. No entanto, em papéis contrários: Javert era o prisioneiro de um grupo de estudantes que se rebelava contra o governo, e Jean Valjean, ao lado dos estudantes, tinha o poder de decidir sobre o destino de seu prisioneiro: matar ou libertá-lo. Jean Valjean o libertou. O gesto benevolente de Jean Valjean, no entanto, ampliou o desconforto de Javert. Em seu interior, houve uma catástrofe. Ele sentia que não podia mais cumprir sua função, já que tanto entregar quanto libertar Jean Valjean seria errado.

Javert se viu “obrigado a pensar. A própria violência de todas aquelas emoções contraditórias obrigava-o a isso. Pensar, coisa inusitada e singularmente dolorosa para ele” (Hugo, 1862/2014, p. 1369). Sua ansiedade intolerável, assim, “era o

desaparecimento da certeza. Sentia-se desenraizado. [...] Operava-se nele uma revelação sentimental, inteiramente distinta da afirmativa legal, sua única norma até então” (Hugo, 1862/2014, p. 1371). A autoridade absoluta e irrepreensível era impossível de continuar a existir dentro dele. Não lhe ocorria questionar a lei a que se submetia. Sem suas certezas, só havia o peso da culpa e do medo, o que tornava sua existência extremamente dolorosa. Javert, não conseguindo manter duas ideias opostas em sua mente ao mesmo tempo, perdeu sua capacidade de funcionar e não vendo saídas, acabou por se suicidar.

#### **1.4 A liberdade**

Apesar de não ser mais perseguido por Javert, Jean Valjean continuava a ser perseguido por sua consciência. Freud (1913/1996) ensina que a consciência se refere a uma condenação interna e, portanto, mais poderosa que a condenação externa. Jean Valjean ainda se considerava um miserável, apesar de também acreditar ser um homem de bem. No entanto, era difícil confiar que sua bondade era maior que a sua maldade. Prova disso é que Cosette casou e ele decidiu se retirar da vida dela, o que era o maior dos castigos. Antes, confessou a seu genro que era um fugitivo e que seu nome verdadeiro era Jean Valjean (na época, ele usava o nome Sr. Fauchelevent). Sua consciência, assim, o fez travar uma dolorosa batalha em seu interior. Jean Valjean, para tanto, afirmou: “Só necessito de um perdão, o da minha consciência” (Hugo, 1862/2014, p. 1447).

O perdão, no entanto, veio de outra forma. Quando o jovem casal buscou reaproximação, mesmo ele tendo confessado quem era, pôde tranquilizar a sua consciência. O acolhimento de quem amava o fez acreditar em seus gestos reparatórios e o ajudou a entender, finalmente, que havia mais bondade do que maldade dentro de si. Apenas assim pôde morrer. Nesse momento, disse: “Morrer não é nada; horrível é não viver” (Hugo, 1862/2014, p. 1504), o que coincide com o pensamento de Winnicott (1989 *apud* Clare Winnicott, 1989, p. 4, tradução nossa) ao dizer “oh, Deus! Possa eu estar vivo quando morrer”. Jean Valjean sentiu-se vivo ao morrer.

## **2. Conclusão**

Ao acompanhar a trajetória de Jean Valjean e de Javert, pode-se explorar a moralidade winnicottiana. Em Javert, temos uma “moralidade vinculada à submissão”



(Winnicott, 1966/2012, p. 120), que Winnicott define como algo de pouco valor. É uma moralidade cindida e absoluta. Em Jean Valjean, temos uma moralidade verdadeira, atrelada ao sentimento de preocupação com o que provoca, ou seja, conectada ao entendimento de que o bem e o mal caminham juntos.

Atualmente, ainda se encontram situações em que a lei funciona como que pautada em uma moralidade vinculada à submissão, ou seja, vê-se a lei posta como inquestionável, absoluta e sem ambivalências. Por exemplo, pode ser citado um caso escutado no consultório da autora, no qual um rapaz de dezessete anos foi condenado por ter roubado R\$1,10 e estava sendo torturado há três anos em um centro educacional em Fortaleza (CE). Tal lei, assim como a lei que puniu Jean Valjean, é meramente punitiva e retaliativa. Sua meta é apenas a ordem e a ausência de choque com a sociedade. Injustiças, aqui, são inevitáveis, pois, apesar de cada roubo de pão ou de um real ter seu significado, todo roubo é condenado igualmente. Uma lei que vise a recuperação de um infrator precisa considerar que há um contexto em cada ato. Além disso, a lei deve se preocupar com sua possível destrutividade, ou seja, com os efeitos de seus julgamentos e penas. Por fim, salienta-se que as violações diárias às quais os personagens de *Os miseráveis* eram expostos foram desconsideradas pela lei a que se submetiam, o que, novamente, é aplicável, em recorrentes casos, à realidade brasileira. Portanto, urge a vigência de uma lei verdadeira, em que se responsabilize não apenas o criminoso, mas também a sociedade que o desampara.

## Referências

- Freud, S. (1913). Totem e tabu. In S. Freud. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira* (Vol. 13). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Hugo, V. (1862). *Os miseráveis: texto integral*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2014.
- Winnicott, C. (1989). DWW: a reflection. In D. Winnicott. *Psycho-analytic Explorations*. Cambridge: Harvard University Press.
- Winnicott, D. W. (1954) A posição depressiva no desenvolvimento emocional normal. In D. W. Winnicott. *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

Winnicott, D. W. (1962a). Moral e educação. In D. Winnicott. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

Winnicott, D. W. (1962b). O desenvolvimento da capacidade de se preocupar. In D. W. Winnicott. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

Winnicott, D. W. (1963). O valor da depressão. In D. Winnicott. *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

Winnicott, D. W. (1966). A ausência de um sentimento de culpa. In D. Winnicott. *Privação e delinquência*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

Winnicott, D. W. (1990). *Natureza Humana*. Rio de Janeiro: Imago.